

Jardel Anderson Fonseca¹, Ana Cristina Puygcerver Santos², Débora Luana Ferreira³, Tamires Alexandra Oliveira⁴, Marcillene Ladeira⁵ and Adriano Márcio Nascimento⁶

ESTUDO E PRODUÇÃO DE MATERIAL PEDAGÓGICO: experiência em Iniciação Científica oriunda de “práticas em arte”, realizadas na UNIPAC/Barbacena-MG

STUDY AND PRODUCTION OF PEDAGOGICAL MATERIAL: Experience in Scientific Initiation from “Art Practices”, carried out at UNIPAC / Barbacena-MG

Resumo

O nível superior de formação implica a promoção de diferentes ações em prol de competências que assegurem qualidade de atuação e autonomia profissional. Portanto, este artigo tem como objetivo compartilhar uma pesquisa em andamento, na modalidade de Iniciação Científica, realizada pelo “Grupo Veia”, o qual debruça-se no estudo da compreensão e da produção de material pedagógico, constituído de um personagem – Mascote – de própria autoria, e cujo suporte adotado é o papel impresso. Trata-se de uma iniciativa instaurada por parceria entre a UNIPAC/Barbacena e o Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora (ambos situados no estado de Minas Gerais, Brasil).

Palavras-chaves: educação formal, formação de professores, material pedagógico, personagem.

1 Aluno bolsista (PROBIC), curso Pedagogia, UNIPAC/Barbacena/MG.

2 Aluna bolsista (PROBIC), curso Publicidade e Propaganda, UNIPAC/Barbacena/MG

3 Aluna Bolsista (PROBIC), curso Pedagogia, UNIPAC/Barbacena/MG.

4 Aluna Bolsista (PROBIC), curso Pedagogia, UNIPAC/Barbacena/MG.

5 Professora Orientadora, Artista Visual com galeria representante e líder do grupo. Mestra em Processos Criativos pelo PPGAV-EBA-UFBA; especialista em Docência do Ensino Superior; Graduada (Licenciatura e Bacharelado) pelo Instituto de Artes e Design da UFJF, com passagem inicial pela EBA-UFRJ.

6 Professor Colaborador da Pesquisa. Coordenador do Curso de Pedagogia, do Curso de Pós-graduação em Educação Inclusiva e Diretor Pedagógico da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais.

Abstract

The higher level of education implies the promotion of different actions in favor of competences that assure quality of action and professional autonomy. Therefore, this academic article aims to share an ongoing research, in the Scientific Initiation modality, conducted by the "Veia Group", which focuses on the study of the understanding and production of pedagogical material, consisting of a character – Mascot – authored by themselves, and whose support is the printed paper. It is an initiative established by a partnership between UNIPAC / Barbacena and the Science Center of the Federal University of Juiz de Fora (both located in the state of Minas Gerais, Brazil).

Keywords: formal education, teacher training, pedagogical material, character.

Introdução

O nível superior de formação implica a promoção de diferentes ações em prol de competências que assegurem qualidade de atuação e autonomia profissional. Este artigo busca, portanto, compartilhar os desenvolvimentos de uma pesquisa em andamento no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC/Barbacena-MG), na modalidade de Iniciação Científica, sendo essa realizada pelo grupo de pesquisa intitulado "VEIA – Vertentes Ensino e Integração e Arte"⁷, formalizado no curso de Pedagogia, com participação direta do curso de Publicidade e Propaganda. Portanto, o principal objetivo desse é proporcionar aos alunos bolsistas ampliarem o gosto pela educação pautada na pesquisa, estabelecendo mais curiosidade e criticidade para com o processo de construção de conhecimento. Paulo Freire (1996) em suas elucubrações quanto ao ato de ensinar afirma: "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (p.12, grifo do autor) – sendo esse um dos saberes indispensáveis que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora necessita. Ou seja, a experiência, na prática, se torna uma exigência do processo formativo dos educandos, uma demanda necessária em si mesma. Ora, exclama, o célebre educador brasileiro:

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. (Freire, *ibid.*, loc. cit.).

7 A letra "v" corresponde a "Vertentes" equivale ao lugar geográfico sede da Universidade Presidente Antônio Carlos, Campus Barbacena/MG. Como um todo, "Veia" em sua definição científica equivale ao vaso sanguíneo que transporta o sangue em direção ao coração; no sentido metafórico ("veia-artística"), diz das aptidões individuais do ser humano. Nome que em si, já carrega a sensibilização que se pretende.

Em complementação, Antônio J. Severino (2007, pp. 22-23) assevera que a educação superior possui uma tríplice finalidade, sendo a pesquisa “o ponto básico de apoio e de sustentação de suas outras duas tarefas, o ensino e a extensão”. Como metodologia, o projeto, em seus primeiros passos de caminhada debruça-se no levantamento bibliográfico, de modo a estudar processos educacionais voltados para a experiência sensível em oposição à educação mecânica praticada em sala de aula – entende-se que um dos grandes desafios para a educação do século XXI é tornar a escola e os próprios conhecimentos escolares, atrativos e dinâmicos, visto que, a estrutura escolar e até mesmo a divisão e não comunicação das disciplinas tem sido uma barreira a ser rompida na construção de um modelo mais dinâmico de ensino. Nesse passo, absorve a ludicidade provocada pela presença de um personagem – Mascote – de própria autoria. A intenção é a de que esse, se torne um símbolo mediador das proposições lançadas pelo grupo; sendo ele fruto de parceria estabelecida entre a UNIPAC/Barbacena e o Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Assim sendo, o recorte da pesquisa assenta-se na temática: *Material Pedagógico*; para esse, adotando-se a compreensão de ser “todo tipo de objeto que atua como instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, da Educação Básica” (ensino formal). Molda-se para tal, a modalidade *elaboração de materiais pedagógicos complementares aos livros didáticos, cujo suporte é o papel impresso*. Prevê-se para sua publicação o financiamento concedido por outras empresas parceiras. Nesse segundo momento, se trabalhará com a Análise do Discurso Francesa (AD)⁸, bem como, com a pesquisa de campo, realizando-se uma ponte entre o Ensino Superior e a Educação Básica. Ao final, espera-se que o material seja distribuído na rede pública de ensino.

O Centro Universitário Presidente Antônio Carlos/UNIPAC

Fundado em 1963, o Centro Universitário Presidente Antônio Carlos/UNIPAC tem como sede o campus de Barbacena/MG, sendo esse elevado a Universidade em 1997 (Portaria MEC nº 366, de 12 de março). Antes, de 1963 a 1965 foi chamada de *Fundação Universitária da Mantiqueira*, se referindo as duas primeiras instituições universitárias da cidade, a qual mudaram a realidade dessa e de seu entorno. Suas primeiras unidades educacionais foram instaladas em 1966: a Faculdade de Filosofia com os cursos de Letras, *Pedagogia* e História e a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas com o curso de Ciências Contábeis. O curso de *Pedagogia* instaurou-se, então, nessa primeira leva, tendo hoje (2019) cinquenta e três anos de existência.

8 “Metodologia” baseada nas obras de Michel Pêcheux, tendo seu desdobramento no Brasil a partir dos trabalhos de Eni P. Orlandi. A escolha se deve ao fato de ela abarcar técnicas de tratamento e análise do discurso pronunciado em diferentes formas de comunicações: escritos, orais, imagens, gestos, sons, etc.

No decorrer dos anos, novos cursos foram fundados em Barbacena: curso de Matemática e a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, com o curso de Direito, datado de 1968; a Faculdade de Medicina, 1971; a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, com a graduação em Administração de Empresa, 1975.

Para além desse município, novas unidades nasceram, a cidade de Ubá recebeu seu *campus*⁹ em 1970; Visconde do Rio Branco 1975; Leopoldina 1991; Ipatinga 1993; Juiz de Fora 1996; Conselheiro Lafaiete, Bom Despacho e Araguari 2001; Teófilo Ottoni 2002; Uberlândia, Governador Valadares e Uberaba 2003; Betim 2005; Contagem 2006 – destaca-se que uma segunda demanda na área de *Pedagogia* foi evidenciada nesse mesmo ano, 2006, em vistas a exigência dada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96), a qual determinou que, a partir daquele ano, a formação superior seria imprescindível para atuação dos professores em sala de aula. Em 2002, fundou-se então, a *Rede de Ensino Normal Superior* com as Faculdades de Educação e Estudos Sociais, sendo instaladas em mais de 200 cidades do estado de Minas Gerais – uma iniciativa que proporcionou grande revolução educacional no interior mineiro.

Hoje, com mais de 55 anos de Fundação, além dos cursos descritos, outros tantos surgiram, como *Curso de Publicidade e Propaganda*, Arquitetura e Urbanismo, Odontologia, Medicina Veterinária, etc., sendo a UNIPAC, uma instituição responsável pela formação de milhares de universitários em todo cenário brasileiro. Além de atuar na graduação, também oferta cursos de pós-graduação *lato sensu* e de formação continuada em curta duração. Em 2018, foi oficializada a modalidade de Iniciação Científica através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) para alunos e professores orientadores; o grupo “VEIA” apresenta-se como resposta a essa demanda institucional.

O Centro de Ciências da UFJF

O Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG refere-se a um órgão suplementar da Reitoria, estando localizado desde 2017, no campus universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Bairro São Pedro. Trata-se de um dos mais completos polos de pesquisa e divulgação científica do país, estando na definição de educação não-formal de ensino¹⁰. Nesse lugar há a concentração de todas as áreas de formação que a UFJF oferece, como: biologia, física, química, astronomia e arte. O objetivo do espaço é ajudar na “desconstrução da ideia de que a ciência é para poucos, e disseminar a importância que o estudo tem para a vida das pessoas”.

9 1ª sede: Campus São José, localizado ao lado da antiga Escola Agrotécnica; 2ª sede: Campus Barbacena, situada no bairro Colônia Rodrigo Silva/Campolide.

10 Aquela que ocorre fora do sistema formal de ensino (sala de aula), sendo complementar a este. É um processo organizado, mas cujos resultados de aprendizagem não são avaliados formalmente (notas e boletins).

Isso acontece através de visitas dos alunos da rede formal de ensino ao seu acervo, sendo ele constituído por diferentes ambientes como os laboratórios e os salões de “brinquedos científicos”. Muitos desses equipamentos são construídos dentro de sua própria dependência; a exemplo cita-se a “Tabela Periódica Interativa” de 2 metros de altura por 3 metros de comprimento (uma das maiores do Brasil) – a qual a professora orientadora dessa pesquisa fez parte; ou, ainda, a partir do desenvolvimento de projetos em parcerias com outras instituições, a exemplo do circunstanciado nesse pesquisa (UNIPAC/Barbacena/MG). Existem outros, como com a Fundação Oswaldo Cruz (Museu da Vida), através do projeto “Cadê a química” – esse nos convida a uma fascinante experiência imersiva em uma animada casa com 7 cômodos; momento no qual os sentidos e a imaginação são aguçados. Em um balanço de visitas ao Centro de Ciências da UFJF, datado de 2017, registrou-se um quantitativo de 37 mil visitas anuais.

Discussão 1: a Produção de Material Pedagógico

Conforme esclarece Fiscarelli (2007, p.1) *Material Pedagógico Educativo*¹¹ se refere a “todo ou qualquer material que o professor possa utilizar em sala de aula; desde os mais simples como o giz, a lousa, o livro didático, os textos impressos, até os materiais mais sofisticados e modernos. Ou como apresenta-se nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p.154):

Pode-se dizer, em linhas gerais, que material didático é um conjunto de recursos dos quais o professor se vale na sua prática pedagógica, entre os quais se destacam, a grosso modo, os livros didáticos, os textos, os vídeos, as gravações sonoras (de textos, canções), os materiais auxiliares ou de apoio, como gramáticas, dicionários, entre outros.

Ou ainda como complementa Denise Bandeira (2009, p.14), “o material didático também compreende os produtos pedagógicos, como jogos, ábacos, blocos lógicos e brinquedos educativos.”

Wander Soares (2002), explica que o material didático ampliou sua função precípua,

... além de transferir os conhecimentos orais à linguagem escrita, tornou-se um instrumento pedagógico que possibilita o processo de intelectualização e contribui para a formação social e política do indivíduo. O livro instrui, informa, diverte, mas, acima de tudo, prepara para a liberdade.

Sua existência está condicionada a um determinado pressuposto: “ao suporte que possibilita materializar o conteúdo”. Conforme traz Bandeira, trata-se de uma *condição*

11 Material instrucional que se elabora com finalidade didática, sendo também identificado como Material Didático; Recurso Didático; Produto Pedagógico; etc.

teorizada pelo “historiador francês Chartier (2002, p. 61s) ao afirmar que o texto não existe fora dos suportes materiais que permitem sua leitura (ou sua visão) e nem fora da oportunidade na qual pode ser lido (ou sua audição).” Assim, conclui Bandeira, o material didático (“conjunto de textos, imagens e de recursos”) ao ser concebido com a finalidade educativa, *implica na escolha de um suporte*, estando esse condicionado também as *épocas histórias*, de modo a transladar entre as primeiras constituições de papel¹² (do latim *papyrus*), às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) eclodidas no final do século XX. (Chartier apud Bandeira, *ibid.*, p.15).

Lúcia Santaella em sua trilogia (1992; 2003 e 2007) explica que primeiro passou-se da *cultura de massa* (1960) para a cultura das mídias (1980); posteriormente, com a conectividade à rede mundial de computadores – internet – (1990), têm-se a *cultura virtual ou cibercultura*, agregando uma fusão dos mais variados gêneros de linguagens que o computador é capaz de acolher, e acrescentando agora, a *era dos aplicativos*. Computador, celulares, TV digital, entre outros, passam a constituir o *habitat diário* das novas gerações e como explica autores como González-Navarro em “Los nuevos entornos educativos” (2009) e Eucidio Arruda em “Ciberprofessor” (2004), a absorção rápida desses, pelos alunos, exige que a educação também se renove, gerando novos processos de aprendizagem.

Mesmo com o avanço das TICs e o aumento considerável da oferta de produtos didático-pedagógicos desabrochados com as novas possibilidades de combinações desses diferentes meios e tecnologias, a maioria do material didático continua sendo produzido em *mídia impressa* – é o que constata autores como Bandeira (*ibid.*, p.16). Segundo ela, isso se deve, pois, o material impresso não requer equipamento ou recurso tecnológico para sua utilização (muitas escolas ainda não foram equipadas e nem mesmo possuem acesso à Internet para toda a comunidade escolar). Da própria experiência, enfatiza-se também o *tempo* como um fator determinante. Isto é, o tempo de duração de cada aula é curto: 45 ou 50 minutos no Ensino Fundamental (1º e 2º ciclo) e no Ensino Médio, e os equipamentos (quando as escolas os dispõem) não ficam instalados na sala, o que gera demora para sua configuração adequada, chegando, em muitos casos, não efetivar-se a aula (o fio está danificado pelos inúmeros deslocamentos, o *plug* sumiu, ...).

Em outras situações, os alunos precisam ser deslocados para os laboratórios apropriados – fatores que reduzem, também, o tempo útil da aula. Considera-se ainda que, muitas das vezes, os próprios alunos não estão preparados para tal utilização e até mesmo os professores – o que torna, portanto, o material impresso, mesmo

12 Papiro refere-se a uma planta que cresce nas margens do rio Nilo no Egito, da qual se extraía fibras tanto para a escrita, como para a fabricação de cordas e barcos. O papel teria sido inventado na China 105 anos depois de Cristo (d.C.), por T'sai Lun. A técnica foi guardada tendo em vista o comércio lucrativo, revelando-se graças aos monges budistas coreanos, somente 500 anos depois.

que com longa tradição, o recurso de maior presença em sala de aula; sendo o mais fácil, tendo em vista a sua mediatize. Embora, reconheça-se a necessidade de uma diversificação de usos.

Em um levantamento realizado por Ribeiro e Guerra (2015, p.1) quanto a temática em pauta, os pesquisadores constataram que as pesquisas mais recorrentes assumem subdivisões como: “análise de materiais existentes no mercado”, ‘uso ou falta de uso de livro didático nas aulas’, ‘elaboração de materiais didáticos complementares a livros didáticos adotados’ e a ‘opção de não adotar, mas elaborar os próprios materiais didáticos’”. Essa pesquisa de Iniciação Científica situa-se na opção *elaboração de material pedagógico complementar a livros didáticos adotados*, cujo suporte empregado, de imediato, será o papel impresso; partindo-se para outras propostas ao decorrer...

Ana Mae Barbosa (2012) pondera: “as práticas de ensino atuais derivam não apenas de ideários pedagógicos, como também de encaminhamentos legais”. Logo, diante de uma análise efetuada na Base Nacional Comum Curricular (2017/2018) – documento ainda em processo de implementação – e o uso de material pedagógico é possível identificar, ao todo, 10 aparições do termo (material e/ou recurso didático). Essas, estão entre discorrer sobre os *livros didáticos adotados e materiais didáticos complementares ao processo de ensino-aprendizagem*. Entre os trechos, recorta-se: “selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender”. Portanto, tal verificação comprova que a temática da presente pesquisa se faz pertinente, estando dentro das ações necessárias que asseguram aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica. (BNCC, 2018, p. 16). Também nas Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia brasileira tal orientação se faz presente. Nessa há quatro aparições do termo (pp.4, 11, 12 e 22), firmando-se entre *utilização, criação e avaliação* de materiais pedagógicos; cuja exigência requer vivências práticas, em grau cada vez mais complexos e abrangentes. Por essa via, compreende-se que o assunto da pesquisa vai de encontro, também, as exigências legais de formação a nível de graduação.

Discussão 2: o uso de personagens como mediador

Na adoção quanto ao uso de Personagem autoral, partiu-se do princípio que conforme afirma Smith (2006 como citado em Gurgel & Stephania, 2006, p.2), “os personagens são responsáveis pela maior parte das lembranças que recordamos dos livros”, isto é, são um elemento fundamental para garantir o envolvimento do público. “Muitas vezes se tornando uma representação icônica e peça primordial” – completa Meretzky (2001). Também há de se compreender a importância da imagem no momento atual; consoante Eliane M. Borges, vive-se na Era Comunicacional da Imagem. Assim, expressa:

De fato, passou-se da comunicação oral, predominante na sociedade ocidental até a idade média, para a comunicação escrita, que começa a adquirir caráter de massa a partir da invenção da tipografia, de Gutemberg. Com o advento dos chamados meios de comunicação de massa em especial a televisão, o mundo ingressa em outro momento comunicacional: o da imagem. (Borges, 2009, p. 109).

Donis A. Dondis (2007, p. 27), pesquisadora de comunicação na *Boston University School of Communication*, quanto ao uso sistemático da imagem, na atualidade, enfatiza: “a capacidade intelectual decorrente de um treinamento para criar e compreender as mensagens visuais está se tornando uma necessidade vital [...]”. Ele, “o alfabetismo visual pode nos ajudar a ver o que vemos e a saber o que sabemos”, sendo pois, “um dos paradigmas fundamentais da educação”; estando diretamente ligado a disciplina de Arte.

Voltando a implementação do personagem no material pedagógico, Gurgel & Stephania (2006) afirmam que “não são meramente representações gráficas, mas representações gráficas de uma personalidade”. Com ar de curiosidade e investigação, a imagem seguinte apresenta, enfim, o personagem dessa pesquisa:



Figura 1 – Personagem da Pesquisa. Nome: Quark.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Quark é seu nome, sendo esse oriundo da Física de Partículas, que ao lado do Lépton, representam os elementos básicos que constituem a matéria. A personalidade

que absorve, está na iconografia de um Quati (do tupi *akwa'tim*, que significa “nariz pontudo”); em outras palavras, se refere a um mamífero que se assemelha a um guaxinim, e cujos hábitos alimentares se baseiam em minhocas, frutas, insetos e ovos. Vivem em grupos de fêmeas e machos jovens; os machos adultos só se unem ao bando para reprodução. Ele foi desenvolvido pela Professora Orientadora do Projeto, quando em atuação no Centro de Ciências da UFJF (2008-2013), tendo sido selecionado pelo grande número de animais que viviam ao redor do espaço, torneado por uma mata atlântica preservada¹³.

Na imagem apresentada (Figura 1), foi realizado na presente data (2019), pela bolsista do Projeto Veia, aluna do curso de Publicidade e Propaganda da Unipac/Barbacena/MG, sob orientação docente. Nessa versão, suas roupas transmitem uma ideia de cientista aventureiro, tendo em vista a proposição didática em construção: *As aventuras de Quark*. Partindo efetivamente para campo (Pedreira), o primeiro livro contará a história do mármore: extração e uso, na arte e na arquitetura.

Assevera-se que elementos visuais, como formas, cores, texturas, ritmo – são características responsáveis em “dar vida” a um personagem. São elas, que evocam o pensamento através das percepções sensoriais, como a visão; mas também, são capazes de desenvolver sensibilizações de emoção e afeto. Gomes e Azevedo (2005, p. 6) explicam:

a criança sentirá que faz parte do universo psicológico do personagem e essa atração está ligada à sua dimensão psíquica. O personagem imaginário toca a criança diretamente, e ela se sente ‘contida’ na imagem. Após o apelo visual, é o apelo emocional e a afetividade que tornarão personagem e público cúmplices de uma mesma história.

Comprovação também evidenciada em estudos atuais sobre o cérebro, como os de Norman (2004), cientista cognitivo que atesta o quanto à emoção é valiosa para o processo cognitivo. Em suas próprias palavras, há escrito (p.28): “sem diversão e prazer, alegria e entusiasmo, e até ansiedade e raiva, medo e fúria, nossas vidas seriam incompletas”. Ainda complementa: “em paralelo às emoções, há também outro ponto importante: estética, atratividade e beleza”. E finalmente conclui: “emoção e cognição estão absolutamente entrelaçadas; a emoção é capaz de nos tornar mais inteligentes”. A *identificação catártica* também se configura como fator determinante quanto a atração do público (especialmente o infantil) sobre um personagem. Por exemplo, *Mônica* (personagem de Maurício de Sousa) representa uma garotinha esperta e cheia de personalidade, sendo esse o sonho de toda criança: ser aceita, adorável e reconhecida em seu potencial. A constante *reiteração de vistas a mesma imagem* também se faz significativo nesse processo.

13 Primeira sede, anexo ao lado Colégio de Aplicação João XXIII, bairro Santa Helena, Juiz de Fora – MG.

De acordo com a Resolução nº 1/2006/CNE/CP o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a atuar, de forma interdisciplinar e adequada aos diferentes níveis escolares da Educação Básica e/ou às diferentes fases do desenvolvimento humano; bem como no ensino dos variados componentes curriculares. Por essa via, para a aplicação da proposição dessa pesquisa em sala de aula, é possível apresentar, em uma rápida descrição (BNCC, 2018):

1. Educação Infantil: (etapa pré-esquemática) atende a necessidades motoras e emocionais. A relação dos estudantes com o material poderá ser basicamente lúdica, sem a existência de uma consciência crítica das imagens que chegam a eles.
2. Ensino Fundamental (anos iniciais, 1º ao 5º ano): um pouco mais desenvolvida, a criança passa a uma maior socialização, com identificação de características específicas do grupo. O mesmo acontece com os materiais pedagógicos, isto é, nesse momento é possível a apresentação de trabalhos progressivamente mais elaborados, tendo em vista o uso da linguagem visual.
3. Ensino Fundamental (anos finais, 6º ao 9º ano): os alunos já são capazes de distinguir vários níveis de localização, relacioná-los entre si e adquirir a consciência de estar em um mundo muito mais amplo do que as fronteiras entre sua casa e a escola. Começa a inserção em grupos de interesse e a diferenciação entre os sexos. Têm-se a capacidade de identificar detalhes das imagens com descrições em profundidade, bem como estabelecer correlações dessas, com a realidade social.
4. Ensino Médio: é marcado pela mudança de personalidade, devida à passagem da adolescência para a idade adulta. Se tornam mais críticos e questionadores em relação ao que recebem em aula. Tendem também a ter uma desconfiança natural (e saudável) em relação aos meios, demandando um tipo de material que desafie sua inteligência. “Nas produções próprias, buscam reproduzir personagens mais próximos da realidade, com articulações, movimentos e detalhes de roupas que acompanham o que veem ao seu redor.”

Voltando a Resolução nº 1/2006/CNE/CP, ao discorrer sobre o ensino dos variados componentes curriculares, consta-se em resultados do Inep (2002 a 2018) que a formação de Pedagogos no Brasil permanece em constante crescimento. No entanto, o Indicador de Adequação da Formação demonstrou que entre os diferentes componentes curriculares que o Pedagogo está apto a atuar, o pior resultado se refere à disciplina de arte – apenas 31,5% dos Pedagogos possuem a formação adequada para ensinar o conteúdo. (Brasil, ...Inep, 2018). Problematização que preocupa os agentes da pesquisa e também, mais uma vez, comprova sua viabilidade, visto que a Arte é ponto chave da mesma. Assevera-se que a orientadora possui formação na área, atuando com seus bolsistas pedagogos, também através da disciplina: *Metodologia do Ensino de Arte*.

Considerações Finais

A partir das implementações em andamento passamos a mensurar o quanto o estudo e a produção de Materiais Pedagógicos são mananciais para os bolsistas em formação, seja da Pedagogia, como também da Publicidade. De outra forma, acreditamos verdadeiramente, no exercício prático e de integração entre os conhecimentos, bem como em proposições que unem a razão e o sonho: conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegar-se com as descobertas.

Referências

Bandeira, Denise. (2009) **Materiais Didáticos**. (1ª ed.). Curitiba, PR: IESDE.

Barbosa, Ana Mae. (2011). As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. (6. ed.) São Paulo: Cortes, pp. 13-25.

Borges, E. M. (2009) **As mídias visuais e seus desafios para a escola**. In: MIRANDA, Sonia Regina; MARQUES, Luciana P. (Org.). Investigações – experiências de pesquisa em educação. Juiz de Fora: UFJF, pp. 109-121.

Brasil. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. (2006). Linguagens, Códigos e Tecnologias. Recuperado em 12 julho de 2018, de <http://portal.mec.gov.br/>.

_____. **Portaria MEC nº 1077 de 31/08/2012, DOU 13/09/2012**.

_____. MEC. (2018). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (*Inep*). Recuperado em 28 de fevereiro, 2018, de <http://inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>.

_____. Base Nacional Comum Curricular (BNCC - 2018). Recuperado em 10 janeiro, 2019 de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

Dondis, A. Donis. (2007). **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes.

FISCARELLI, R. B. (2007). O. Material didático e prática docente. In: **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. (v.2, n.1). Recuperado em 16 de março, 2019, de <http://seer.fclar.unesp.br/ibero-americana/article/view/454>.

Freire, Paulo. (1996). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.

Gomes, L.C. G. e Azevedo, A. de S. (2005, setembro). **A utilização de personagens e mascotes nas embalagens e sua representação simbólica no ponto-de-venda.** XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Uerj/RJ, Intercon.

Gurgel, Ivannoska & Stephania, Padovani. (2006, novembro). **Processo de Criação de Personagens:Um Estudo de Caso no Jogo Sérió SimGP** (n.8). Revista Porto Digital: Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Recuperado em 03 de abril de 2014, em <https://www.cin.ufpe.br/~sbgames/proceedings/aprovados/23157.pdf>.

Meretzky, Steve. (2001, novembro). Bulding Character: An Analysis of Character Creation. Recuperado em 05 de abril de 2014, em http://www.gamasutra.com/view/feature/131887/building_character_an_analysis_of_.php.

Norman, Donald. (2014). **Design Emocional.** Editora Rocco Ltda.

Ribeiro, A. & Guerra, D. M. (2015, julho). Produção de materiais didáticos e planejamento de aula em equipe: a experiência de formação de professores do NUPPLES/ UERJ. **Anais do IV Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos**, Rio de Janeiro (PUC-RIO), RJ, Brasil, 28, 29 e 30.

Severino, Antônio Joaquim. (2007). **Metodologia do trabalho científico.** 23a ed. SP: Cortez.

Soares, Wander. (2009). **O Livro Didático e a Educação.** Palavra da diretoria. Recuperado em 18 de março de 2019, de <http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/14-institucional/palavra-da-diretoria/136-o-livro-didatico-e-a-educacao>.